

**cR**

Centro  
de Referência  
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo  
do Centro de Referência Paulo Freire**

**[acervo.paulofreire.org](http://acervo.paulofreire.org)**



InstitutoPauloFreire



# A PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE E O PROCESSO DE DEMOCRATIZAÇÃO NO BRASIL

## *Alguns aspectos da sua teoria, método e práxis para introduzir um debate*

**Moacir Gadotti (\*)**

Paulo Freire não gostava de rotular as pedagogias, mas, desde que introduziu a tese de que existe uma educação como prática da domesticação e uma educação como prática da liberdade, podemos dizer que existe uma pedagogia dogmática, por conseguinte, domesticadora, e, uma pedagogia dialética, crítica, interrogativa. Ele foi um crítico da educação do seu tempo. Sua "pedagogia do oprimido" insere-se no grande movimento da "pedagogia crítica", também chamada de "radical" ou "revolucionária", dependendo do contexto.

Para nós, Paulo Freire continua sendo a grande referência da educação emancipadora. Ele pode ser comparado a muitos educadores do século XX, mas ninguém, melhor do que ele, formulou uma **pedagogia dos silenciados** e da responsabilidade social, dos oprimidos e também dos não oprimidos, mas que estão comprometidos com eles e com eles lutam, como afirma na dedicatória do seu livro mais conhecido, *Pedagogia do oprimido*. Colocar Paulo Freire no passado, é não querer mexer na **cultura opressiva** de ontem e de hoje que ele denunciava.

Muitos educadores, reunidos em "Círculos de Cultura", em Porto Alegre (Sul do Brasil), de 25 a 30 de janeiro de 2001, durante o *Fórum Social Mundial*, com razão referiam-se a Freire como o educador mais coerente do século XX, cujas lições deverão continuar válidas por muito tempo. Eles lançaram um "Manifesto" que onde eles reconhecem a atualidade do pensamento de Paulo Freire: "No século que findou, dois projetos de sociedade fracassaram relativamente ao processo civilizatório: um porque privilegiou o eu eliminando o nós; o outro porque privilegiou o nós, desconsiderando o eu. Neste novo século, confrontam-se dois **projetos antagônicos de sociedade**: um subordina o social ao econômico e ao império do mercado; outro prioriza o

(\*) **Moacir Gadotti** received his doctorate in Education Sciences from the University of Geneva, Switzerland. He is a titled professor at the University of São Paulo (Brazil) and director of the Paulo Freire Institute in São Paulo. He has written several books about Paulo Freire, among them *A Legacy of Hope* (Cortez Publisher, 2001), *Reading Paulo Freire: His Life and Work* (Albany: State University of New York Press, 1994) which was translated into Japanese, Spanish, Italian and Portuguese; *Pedagogy of Praxis: A Dialectical Philosophy of Education*, with a preface by Paulo Freire (Albany: State University of New York Press, 1996) also translated into Spanish; *History of Pedagogical Ideas*, translated into Spanish and *Paulo Freire: A Biobibliography* (Sao Paulo: Paulo Freire Institute and Cortez Publishers, 1996), translated into Spanish (Mexico City: Siglo XXI, 1999). With more than 780 pages, it is the most complete work about Paulo Freire.

social. Faz-se necessário construir um projeto de sociedade onde o ser humano seja resgatado na sua plenitude de eu e nós, com base na prioridade do social sobre o econômico. Para que este **novo mundo seja possível**, é necessário que toda a humanidade entenda e aceite a **educação transformadora** como pré-condição. Esta educação tem como pressuposto o princípio de que ninguém ensina nada a ninguém e que todos aprendem em **comunhão, a partir da leitura coletiva do mundo**".

Não se pode entender o pensamento pedagógico de Paulo Freire descolado de um projeto social e político. Por isso, não se pode "ser freireano" apenas cultivando suas idéias. Isso exige, sobretudo, comprometer-se com a construção de um "outro mundo possível". Como dizia ele: "mundo não é; o mundo está sendo"<sup>1</sup>. Sua **pedagogia crítica**, como "pedagogia sem fronteiras" é um convite para transformá-lo.

Paulo Freire colocou o oprimido no **palco da história**, pelo seu engajamento político e pela sua teoria como contra-narrativa ao discurso dos poderosos e privilegiados. Ela valorizava, além do saber científico elaborado, também o saber primeiro, o **saber cotidiano**. *Cuidar das pequenas coisas do dia-a-dia e pensar na cidadania planetária*, unindo o local e o global. Sustentava que o aluno não registra em separado as significações instrutivas das significações educativas e cotidianas. Ao incorporar conhecimento, ele/ela incorpora outras significações, tais como: como conhecer, como se produz e como a sociedade utiliza o conhecimento... enfim, o saber cotidiano do seu grupo social.

Uma noção do seu construtivismo que ele desenvolveu e que a distinguia de toda a conotação neoliberal, era a noção de **qualidade**. Quando estava à frente da ~~Secretaria Municipal de Educação~~ de São Paulo ele nos falava de uma "nova qualidade"<sup>2</sup>. A **qualidade** não está separada da quantidade. A **qualidade em educação** significa todos (quantidade) terem acesso ao conhecimento e a relações sociais e humanas renovadas. Qualidade é **empenho ético, alegria de aprender**. Para o pensamento neoliberal, a qualidade se confunde com a **competitividade**. O neoliberais negam a necessidade da **solidariedade**. Contudo, as pessoas não são competentes porque são competitivas, mas porque sabem enfrentar seus problemas cotidianos junto com os outros, não individualmente.

Uma outra contribuição de Freire à história das idéias pedagógicas é a sua **concepção de currículo**. Não se pode entender a pedagogia de Freire sem entender os conceitos de transdisciplinaridade, transcurrenularidade, interculturalidade<sup>3</sup>. A inter e a transdisciplinaridade freireanas não são apenas um **método** pedagógico ou uma **atitude** no ato de ensinar e de aprender. Elas se constituem numa verdadeira **exigência** da própria natureza do ato pedagógico. Paulo Freire, na prática, sabia trabalhar com **várias disciplinas** ao mesmo tempo: a etnografia, a teoria literária, a filosofia, a política, a economia, a sociologia, etc. Trabalhava mais com teorias do que com

o acesso à  
qualidade é o  
principal

<sup>1</sup> Paulo Freire, *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Cortez, 1997, p. 86.

<sup>2</sup> Maria Pilar O'Cadiz, Pia Lindquist Wong and Carlos Alberto Torres, *Education and Democracy: Paulo Freire, Social Movements and Educational Reform in São Paulo*. Westview, 1998.

<sup>3</sup> See Luiza Cortesão, *Ser professor: um ofício em risco de extinção*. São Paulo: Cortez e Instituto Paulo Freire, 2002.

disciplinas ou currículos. Para o ato pedagógico concorrem muitas ciências. Paulo Freire trabalhava ao mesmo tempo também com **várias perspectivas teóricas**: a do militante político, a do filósofo da libertação, do cientista, do intelectual, do revolucionário, etc.

Para mostrar a contribuição de Paulo Freire à **pedagogia crítica** e ao processo de democratização no Brasil, gostaria de destacar, inicialmente, alguns aspectos da sua *teoria do conhecimento*, do seu conhecido "*método*" e da sua *práxis*, isto é, o que permanece ainda vivo, não conjuntural, mas estrutural na pedagogia universal ainda hoje.

## 1. Uma releitura do "Método Paulo Freire"

A sociedade brasileira e **latino-americana** da década de 60 pode ser considerada como o grande laboratório onde se forjou aquilo que ficou conhecido como o "Método Paulo Freire". A situação de intensa mobilização política desse período teve uma importância fundamental na consolidação do pensamento de Paulo Freire, cujas origens remontam à década de 50. O momento histórico que Paulo Freire viveu no **Chile** foi fundamental para explicar a consolidação da sua obra, iniciada no Brasil. Essa experiência foi fundamental para a formação do seu pensamento político-pedagógico. No Chile, ele encontrou um espaço político, social e educativo muito dinâmico, rico e desafiante, permitindo-lhe reestudar seu método em outro contexto, avaliá-lo na prática e sistematizá-lo teoricamente.

Nos anos 50 e 60, numa época em que a esquerda latino-americana não acreditava muito na democracia, Paulo Freire sempre falava da importância da democracia no processo de libertação. Não apenas de **democracia** mas também de **cidadania**, da importância da inclusão dos diferentes a começar pelos mais pobres. Não se pode falar de democracia sem falar de cidadania, de inclusão. Paulo Freire foi um dos primeiros a defender a **multiculturalidade** como forma de inclusão.

Não se pode afirmar que a pedagogia de Paulo Freire influenciou o processo de democratização no Brasil e na América Latina sem afirmar, também, dialeticamente, que o processo de democratização da região teve uma importância capital na elaboração do seu pensamento.

A *Pedagogia do Oprimido* foi escrita há 35 anos atrás e a **Educação Popular**, marcada por essa obra, continua sendo um grande referencial para a educação latino-americana. É um marco teórico que continua inspirando numerosas experiências, já não apenas na América Latina, mas no mundo. Não apenas nos países do chamado "Terceiro Mundo", mas também nos países com alto desenvolvimento tecnológico e em realidades muito distintas.

Paulo Freire é tributário desse movimento no qual ele está inserido e ao qual, também, deu uma enorme contribuição. A educação popular tem passado por vários momentos. É um movimento dinâmico e alimentado por inúmeras visões, formando um imenso mosaico. Nem todas essas visões se identificam com o pensamento de Paulo Freire, mas muitas se referem a ele, passando do otimismo guerreiro da campanha de alfabetização da Nicarágua, pelas escolas comunitárias de cunho não-formal, às experiências estatais de educação, todos se reportando ao paradigma teórico de Paulo Freire.

Não há dúvida de que a obra de Paulo Freire deverá continuar se desenvolvendo em múltiplas direções, talvez até inconciliáveis. Ele não poderá

ter o controle sobre isso e ser responsável pelo que será feito de sua obra, como Marx não é responsável pelo marxismo ou por tudo o que se fez em nome dele. E as críticas, positivas e negativas, também deverão continuar.

Na constituição do seu método pedagógico, Paulo Freire fundamentava-se nas ciências da educação, principalmente na psicologia e na sociologia. A sua teoria interdisciplinar da codificação e da de-codificação das palavras e temas geradores, caminhou passo a passo com o desenvolvimento da **pesquisa participante e das ciências sociais**.

O que chamou a atenção dos educadores e políticos dos anos 60 foi o fato de que o método Paulo Freire “acelerava” o processo de alfabetização de adultos. Ele não estava aplicando ao adulto alfabetizando o mesmo método de alfabetização aplicado às crianças, como era costume na época. É verdade, outros já estavam pensando da mesma forma. Todavia, foi ele o primeiro a sistematizar e experimentar um método inteiramente criado para a educação de adultos.

De maneira esquemática, podemos dizer que o “Método Paulo Freire” consiste de três momentos dialética e interdisciplinarmente entrelaçados:

a) A **investigação temática**, pela qual aluno e professor buscam, no universo vocabular do aluno e da sociedade onde ele vive, as palavras e temas centrais de sua biografia. Esta é a etapa da descoberta do universo vocabular, em que são levantadas palavras e temas geradores relacionados com a vida cotidiana dos alfabetizados e do grupo social a que eles pertencem. Essas palavras geradoras são selecionadas em função da riqueza silábica, do valor fonético e principalmente em função do significado social para o grupo. A descoberta desse universo vocabular pode ser efetuada através de encontros informais com os moradores do lugar em que se vai trabalhar, convivendo com eles, sentido suas preocupações e captando elementos de sua cultura.

b) A **tematização**, pela qual professor e aluno codificam e decodificam esses temas. Nesse momento, ambos buscam o seu significado social, tomando assim consciência do mundo vivido. Descobrem-se assim novos temas geradores, relacionados com os que foram inicialmente levantados. É nesta fase que são elaboradas as fichas para a decomposição das famílias fonéticas, dando subsídios para a leitura e a escrita. Mais tarde Paulo Freire diria que a “silabação” não seria a única técnica a ser usada nesta fase e que poderia ser substituída por outras descobertas mais recentes da teoria do currículo.

c) A **problematização**, na qual eles buscam superar uma primeira visão mágica por uma visão crítica, partindo para a transformação do contexto vivido. Nesta ida e vinda do concreto para o abstrato e do abstrato para o concreto, volta-se ao concreto problematizando-o. Descobrem-se, assim, limites e possibilidades existenciais concretas captadas na primeira etapa. Evidencia-se a necessidade de uma ação concreta, cultural, política, social, visando à superação de situações-limite, isto é, de obstáculos ao processo de humanização. A realidade opressiva é experimentada como um processo passível de superação. A educação para a libertação deve desembocar na *práxis transformadora*. O objetivo final do método é a **conscientização**.

Paulo Freire não ficou nessas primeiras intuições sobre o método. Ao longo de sua vida desenvolveu-o mesmo não querendo ficar conhecido como um educador que havia criado um método. Ele não queria que sua **teoria do conhecimento** fosse reduzida a uma pura metodologia. Por isso não se pode

destacar os passos do seu método sem entendê-los no contexto de sua epistemologia. Insisto ainda nesse ponto porque existem muitas leituras de Freire nas quais ele mesmo não se reconhecia, quer sejam leituras politicamente dogmáticas, sectárias, quer sejam leituras pouco científicas e epistemologicamente pouco rigorosas.

Tentando fazer uma **releitura** da obra de Paulo Freire, quais seriam, então, esses novos "passos" do seu Método? Gostaria de chamar a atenção para, pelo menos, quatro momentos inseparáveis:

1° - **Ler o mundo**. Paulo Freire insistiu a vida toda nesse conceito chave do seu pensamento. O primeiro passo do seu método de apropriação do conhecimento é a *leitura do mundo*. Aqui deve-se destacar a **curiosidade** como pré-condição do conhecimento ("interesse", para Habermas). É o aprendiz que conhece. Palavras geradoras, temas geradores, complexos temáticos, codificação, decodificação. No final do seu último livro (*Pedagogia da autonomia*) Paulo Freire insistia ainda na autonomia do aluno. Dos seus primeiros aos últimos escritos, ele procurou dar dignidade ao aprendente, respeitando a identidade do aluno. Ele não humilhava ninguém, não considerava o educador superior ao educando. Para ele jamais um educador poderia ser arrogante. Nada menos freireano do que um educador arrogante, prepotente. Ele tinha raiva de intelectuais arrogantes, sobretudo de esquerda. Dizia que fazia parte da lógica da direita o intelectual ser arrogante, mas na esquerda era uma deformação.

2° **Compartilhar a leitura do mundo** lido. Não posso saber se minha leitura de mundo está correta, a não ser que a compare com a *leitura do mundo* de outras pessoas. O **diálogo** não é apenas uma estratégia pedagógica. É um critério de verdade. A veracidade do meu ponto de vista, do meu olhar, depende do olhar do outro, da comunicação, da intercomunicação. Só o olhar do outro pode dar veracidade ao meu olhar. O *diálogo* com o outro não exclui o *conflito*. A verdade não nasce da conformação do meu olhar com o olhar do outro. Nasce do diálogo-conflito com o olhar do outro. O confronto de olhares é necessário para se chegar à verdade comum. Caso contrário, a verdade a que se chega é ingênua, acrítica. O outro sempre está presente na busca da verdade. Esse segundo passo leva à solidariedade. O meu conhecimento só é válido quando eu o compartilho com alguém. Novamente a comparação com o pensamento de Habermas, que Paulo Freire tanto admirava: a ação comunicativa é parte da busca do conhecimento. Não é apenas um ato generoso de compreensão humana do outro. É uma necessidade ontológica e epistemológica.

3° **A Educação como ato de produção e de reconstrução do saber**. Conhecer não é acumular conhecimentos, informações ou dados. Conhecer implica mudança de atitudes, saber pensar e não apenas assimilar conteúdos escolares do saber chamado "universal". Conhecer é estabelecer relações, dizia Piaget e Paulo Freire completava: saber é criar vínculos. O conteúdo torna-se forma. Paulo Freire foi combatido pelos conteudistas iluministas porque eles não chegaram a entender que, em educação, a forma é o conteúdo. Saber em educação é mudar de forma, criar a forma, formar-se. Educar-se é formar-se. Só muito recentemente os pedagogistas conseguiram entender essa nova visão da educação quando discutiram a educação do futuro (educação permanente), como no caso do Relatório Jacques Delors da

isto é  
deberia ser  
destacado

UNESCO<sup>4</sup> onde ela está associada a **quatro grandes pilares**: *aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser*. Os especialistas em educação reconheceram que educar é criar vínculos e não decorar conteúdos. É claro, Paulo Freire, se estivesse vivo, não ficaria apenas nesses quatro pilares. Ele acrescentaria pelo menos mais um: “aprender por que, para quê”. Ele se antecipou pelo menos 50 anos com o seu “Círculo de Cultura”, criando uma metodologia prática que oferece as bases para a construção desses pilares, rompendo com a noção clássica de “aula” confinada entre quatro paredes. Ele não chamou de “círculo da educação”, “círculo educativo” ou “círculo de estudos”, porque queria realçar o caráter cultural e antropológico do seu método. A educação, para ele, não podia estar separada da cultura. Ele fazia educação pela cultura, através dela, com ela.

~~4. A Educação como prática da liberdade (libertação)~~ Até aqui creio que o construtivismo de Piaget também iria. Mas o *construtivismo crítico* de Paulo Freire foi além, afirmando a politicidade do conhecimento. É o momento da problematização, da existência pessoal e da sociedade, do futuro (utopia). Educação não é só ciência: é arte e práxis, ação-reflexão, conscientização e projeto. Como projeto a educação precisa *reinstalar a esperança*. Nada mais atual do que esse pensamento, numa época em que muitos educadores vivem alimentados mais pelo desencanto<sup>5</sup> do que de esperança.

Não é fácil entender o pensamento de Paulo Freire. Ele não pode ser lido como qualquer outra literatura pedagógica, pois ele não queria escrever textos técnicos de pedagogia. Os textos de Paulo são também textos literários e devem ser lidos também como textos literários. Paulo fora professor de português na juventude e continuou durante toda a vida a apresentar seus textos de forma literária. Ele deu o manuscrito de seu último livro *Pedagogia da autonomia* para Ângela Antunes, diretora pedagógica do Instituto Paulo Freire, em São Paulo, para uma revisão e introdução de títulos e intertítulos ao seu texto original, antes de ser enviado para a publicação. Ângela, professora de português, fez sugestões também de estilo. Por mais que ela argumentasse com Paulo em favor de algumas mudanças literárias, na discussão final do texto, ele, em vários momentos, manteve sua primeira redação. Sua primeira redação era definitiva, mesmo que “inacabada”, dizia ele. Ela era a expressão daquele momento; não era apenas científica, mas era também poética, literária.

## 2. Intuições originais de Paulo Freire

A obra de Paulo Freire tem sido reconhecida mundialmente não apenas como uma resposta a problemas brasileiros do passado ou do presente, mas como uma contribuição original e destacada da América Latina à democracia e

<sup>4</sup> Jacques Delors (org.), *Educação: um tesouro a descobrir* – Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo, Cortez, 1998.

<sup>5</sup> Ver pesquisa sobre saúde dos trabalhadores em educação da CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação), *Educação: carinho e trabalho – Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação*. Brasília, CNTE, 1999. Essa pesquisa foi o mais amplo levantamento já realizado a respeito da educação em todo o mundo. Durante dois anos foram entrevistados 52 mil professores e funcionários de escola em 1.440 unidades das redes públicas estaduais, nos 27 estados do Brasil.

ao pensamento pedagógico universal. Não se pode dizer que seu pensamento responda apenas à questão da educação de adultos ou à problemática do chamado "Terceiro Mundo". Ele deve ser lido dentro do contexto da "natureza profundamente radical de sua teoria e prática anti-colonial e de seu discurso pós-colonial", como no diz Henry Giroux<sup>6</sup>.

Creio que a **validade universal** da teoria e da práxis de Paulo Freire está ligada sobretudo a **quatro intuições originais**, como podemos observar na obra de Carlos Alberto Torres, especialmente em seu livro *Pedagogia da luta: da pedagogia do oprimido a escola pública popular*<sup>7</sup>:

1<sup>a</sup> - Ênfase nas **condições gnosiológicas da prática educativa**. Toda obra de Paulo Freire está permeada pela idéia de que educar é conhecer, é ler o mundo, para poder transformá-lo. Ele destacou, desde o início, a importância das metodologias, o que é muito atual. Foi acusado de não dar valor aos conteúdos e, por isso, de ser espontaneísta e não-diretivo. Na verdade ele não foi nada disso: seu pensamento estava fortemente orientado por um projeto político-pedagógico cujo conteúdo era a libertação. As críticas de espontaneísmo e de não-diretividade não procedem.

2<sup>a</sup> Defesa da **educação como ato dialógico** e, ao mesmo tempo, rigoroso, intuitivo, imaginativo, afetivo. Paulo destaca a necessidade de uma razão dialógica comunicativa. A teoria do conhecimento de Paulo Freire reconhece que o ato de conhecer e de pensar estão diretamente ligados à relação com o outro. O conhecimento precisa de expressão e de comunicação. Não é um ato solitário. Além de ser um ato histórico, gnosiológico e lógico ele contém um quarto elemento que é a sua dimensão dialógica.

3<sup>a</sup> A noção de **ciência aberta às necessidades populares** ligada, portanto, ao trabalho, ao emprego, à pobreza, à fome, à doença etc. Seu método, por isso, não parte de categorias abstratas, mas dessas necessidades das pessoas, capturadas nas suas próprias expressões e analisadas por ambos, educador e educando. Nos últimos anos Paulo Freire destacou também as *necessidades planetárias* trazidas ao debate pela **ecologia**, como necessidades humanas fundamentais, ligadas, por exemplo, ao saneamento básico, ao lixo, à água, à poluição do ar. Dia 17 de abril de 1997, poucos dias antes de falecer, ele falava de **ecopedagogia**, afirmando que amava a Terra, os bichos, as plantas. Dizia ele numa entrevista dada no Instituto Paulo Freire naquele dia: "Quero ser lembrado como alguém que amou a vida, amou os homens, as mulheres, as plantas, os animais, a Terra". Um dos seus últimos livros foi *À sombra desta mangueira* onde ele fala do prazer de respirar ar puro (uma das necessidades humanas), de entrar num rio despoluído, de pisar na grama, na areia da praia. E criticava a lógica capitalista que não valoriza esses prazeres gratuitos e por substituí-los por prazeres vendidos e comprados, prazeres que dão lucro. O capitalismo tem necessidade de substituir felicidades gratuitas (necessidades humanas) por felicidades vendidas e compradas, que são, acima de tudo, necessidades do capital e, muitas vezes, não são necessidades humanas; são necessidades impostas aos seres humanos, com a finalidade do lucro.

<sup>6</sup> In Peter McLaren and Peter Leonard (ed.), *Paulo Freire: a Critical Encounter*, London, Routledge, 1993, p. 177.

<sup>7</sup> Carlos Alberto Torres, *Pedagogia da luta: da pedagogia do oprimido a escola pública popular*, Campinas, Papyrus, 1997. Veja-se também, do mesmo autor, *Estudios friereanos*. Buenos Aires, Libros del Quirquincho, 1995.

4<sup>a</sup> O **planejamento comunitário, participativo**, a gestão democrática, a pesquisa participante. Paulo Freire costumava dizer que não nascemos democratas: nos tomamos democratas. Por isso precisamos de uma educação para e pela democracia. Sob influência do pensamento de Paulo Freire hoje no Brasil estão se realizando muitas experiências educacionais de enorme impacto, relacionadas com a chamada “Constituinte Escolar”, que utiliza os princípios metodológicos freireanos e com o emblemático “Orçamento Participativo” no quadro do movimento pela **Escola Cidadã**, outra expressão também utilizada por ele nos últimos anos.

O reconhecimento de Paulo Freire fora do campo da pedagogia, demonstra que o seu pensamento é também **transdisciplinar e transversal**. A pedagogia é essencialmente uma ciência transversal. Desde seus primeiros escritos considerou a escola muito mais do que as quatro paredes da sala de aula. Criou o “Círculo de Cultura”, como expressão dessa nova pedagogia que não se reduzia à noção simplista de “aula”. Na sociedade do conhecimento de hoje isso é muito mais verdadeiro já que agora o “espaço escolar” é muito maior do que a escola. Os **novos espaços da formação** (mídia, rádio, TV, vídeo, igrejas, sindicatos, empresas, ONGs, espaço familiar, Internet...) alargaram a noção de escola e de sala de aula. A educação tornou-se comunitária, virtual, multicultural e ecológica e a escola estendeu-se para a cidade e para o planeta.

Hoje se pensa em rede, se pesquisa em rede, trabalha-se em rede, sem hierarquias. A noção de hierarquia (saber-ignorância) é muito cara à escola capitalista. Ao contrário, Paulo Freire insistia na **conectividade**, na gestão coletiva do conhecimento social a ser socializado de forma ascendente. Não se trata mais de ver apenas a “Cidade Educativa” (Edgar Faure)<sup>8</sup> mas de enxergar o planeta como uma escola permanente.

Abrir a escola para o mundo, como queria Paulo Freire, é uma das condições para a sua sobrevivência com dignidade, nesse início de milênio. O novo espaço escolar é o planeta, porque a Terra tornou-se nosso endereço, para todos. O novo paradigma educativo funda-se na condição planetária da existência humana. A **planetaridade** é uma nova categoria que fundamenta o **paradigma Terra**, isto é, a visão utópica da Terra como um organismo vivo e em evolução, onde os seres humanos se organizam como uma única comunidade, compartilhando a mesma morada com outros seres e coisas.

### 3. Uma pedagogia anti-neoliberal

O que mais preocupava Paulo Freire nos últimos anos era o avanço da globalização capitalista neoliberal. Por que ele atacava tanto o **pensamento e a prática neoliberal**? Porque o neoliberalismo é visceralmente contrário ao núcleo central do pensamento de Paulo Freire que é a **utopia**. Enquanto o pensamento freireano é utópico o pensamento neoliberal abomina o sonho. Para Paulo Freire o futuro é **possibilidade**. Para o neoliberalismo o futuro é uma **fatalidade**. O neoliberalismo apresenta-se como única resposta à realidade atual, desqualificando qualquer outra proposta. Desqualifica principalmente o Estado, os Sindicatos e os Partidos Políticos. Denuncia a política fazendo política.

<sup>8</sup> Edgar Faure and others, *Apprendre à Être*, Paris, Fayard/UNESCO, 1972.

Paulo Freire atacava a **ética do mercado** sustentada pelo neoliberalismo, porque ela se baseia na lógica do controle e afirmava uma **ética integral** do ser humano. No seu livro *Pedagogia da autonomia*, ele destaca: "Daí a crítica permanentemente presente em mim à malvadez neoliberal, ao cinismo de sua ideologia fatalista e a sua recusa inflexível ao sonho e à utopia. Daí a minha raiva, legítima raiva, que envolve o meu discurso quando me refiro às injustiças a que são submetidos os esfarrapados do mundo. Daí o meu nenhum interesse de, não importa que ordem, assumir um ar de observador imparcial, objetivo, seguro, dos fatos e dos acontecimentos. Em tempo algum pude ser um observador 'acinzentadamente' imparcial, o que, porém, jamais me afastou de uma posição rigorosamente ética"<sup>9</sup>.

A educação não pode orientar-se pelo paradigma da empresa que dá ênfase apenas à eficiência. Este paradigma ignora o ser humano. Para este paradigma, o ser humano funciona apenas como puro agente econômico, um "fator humano". O **ato pedagógico** é democrático por natureza, o **ato empresarial** orienta-se pela "lógica do controle". O neoliberalismo consegue **naturalizar a desigualdade**. "É assim mesmo", "Não há outra coisa a fazer", ouve-se dizer. Por isso, Paulo Freire chama nossa atenção para a necessidade de observarmos o processo de construção da **subjetividade democrática**, mostrando, ao contrário, que a desigualdade não é natural. É preciso aguçar nossa capacidade de estranhamento. Precisamos ter cuidado com a anestesia da ideologia neoliberal: ela é fatalista, vive de um discurso fatalista. Mas não há nenhuma realidade senhora dela mesma. O neoliberalismo age como se a **globalização** atual fosse uma realidade definitiva e não uma categoria histórica.

A concepção de mundo e a sua teoria sócio-político-educativa nos ajudam não apenas a entender melhor como funciona o modelo neoliberal, mas nos ajudam a construir a resposta necessária ao neoliberalismo. Ele defende uma **nova modernidade** cuja racionalidade deve estar "molhada de afetividade". Contra o iluminismo pedagógico e cultural que acentua apenas a aquisição de conteúdos curriculares, ele realça a importância da dimensão cultural nos processos de transformação social. A educação é muito mais do que a instrução. Para ser transformadora - transformar as condições de opressão - ela deve enraizar-se na **cultura dos povos**. A pós-modernidade se caracteriza pelo simulacro e pelo consumo imediato. Ora, a educação é um processo a longo prazo e precisa combater o imediatismo, o consumismo, se quiser contribuir para a construção de uma pós-modernidade progressista. A educação, para ser libertadora, precisa construir entre educadores e educando uma verdadeira consciência histórica. E isso demanda tempo.

Certos **críticos conservadores** afirmam que ele não tem uma *teoria do conhecimento* porque não estuda as relações entre o sujeito do conhecimento e o objeto. Ele se interessaria apenas pelo produto. Isso não é verdade: antes de mais nada, o seu pensamento funda-se numa explícita teoria antropológica do conhecimento. Outros o acusam de *autoritarismo* afirmando que o seu método supõe a transformação da realidade e nem todos desejam transformá-la. Portanto, seria um método não científico (porque não aplicável universalmente). Seu método seria autoritário na medida em que ele obriga a todos a participarem na transformação. É claro que essa crítica ignora que

<sup>9</sup> Paulo Freire, *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Cortez, 1997, p. 15.

Paulo Freire não aceita a idéia de uma *teoria pura* - para ele uma ilusão - mas numa *teoria crítica* enraizada numa filosofia social e política. Ele rejeita a idéia da neutralidade científica - como recusa o academicismo - e argumenta que os conservadores, sob a capa da neutralidade política de uma teoria pura, escondem a sua ideologia conservadora.

Paulo Freire deixou um grande legado que hoje atravessa, cruza e **rompe fronteiras**. Nesse início de milênio seu pensamento ressurge e se renova em inúmeras experiências de educação popular, de educação continuada e informal, em escolas públicas e privadas, em políticas públicas, em diversas áreas do conhecimento, em diferentes profissões, confrontando-se com diferentes práticas e teorias. É um pensamento vivo e em evolução. Por isso não se trata de fazer uma leitura exegética do que ele escreveu. Trata-se de dar continuidade e de reinventar, na prática, as grandes intuições e motivações político-pedagógicas que orientaram seu pensar militante.

#### 4. O MOVA e a reinvenção da educação popular

Paulo Freire contribuiu para com a democratização do país pela democratização da escola e das relações inerpessoais e humanas que introduziu nela. Se não conseguiu ser tão introduzido nas universidades, pode-se dizer, contudo, que ele é a nossa principal referência entre os educadores populares e nos governos democráticas locais. Vejamos um exemplo.

Em 1989, Paulo Freire, como Secretário Municipal de Educação de São Paulo, deu início a um belo movimento de educação de adultos, chamado MOVA-SP (Movimento de educação de Jovens e de Adultos da Cidade de São Paulo), em parceria com várias associações e instituições da sociedade civil. O MOVA-SP, **herdeiro da tradição do movimento de educação popular**, serviu de referência para outras experiências e se constituiu num processo muito significativo de formação para todos os que o promoveram. A avaliação realizada posteriormente mostrou que ele trouxe ganhos relevantes para a formação dos educadores, dos educandos e dos movimentos sociais e populares.

O processo de construção foi fundado em valores democráticos que resultou no aprofundamento de uma nova cultura política para a qual a educação é um instrumento fundamental. O grande saldo que ficou do MOVA-SP foi o exemplo de parceria entre Estado e Sociedade Civil e a experiência de **articulação dos Movimentos Populares**, constituídos hoje num novo e importante ator social na cidade de São Paulo.

O exemplo de Paulo Freire foi seguido e continua dando frutos em numerosos municípios, associando poder público, terceiro setor e setor privado. O Instituto Paulo Freire foi uma das instituições que deu continuidade ao MOVA-SP, com um grupo dos seus principais dirigentes. É claro que continuamos insistindo que o Estado precisa ser o principal articulador das políticas públicas de educação e que o ensino fundamental é um direito constitucional, não devendo, pois, ser transformado em simples serviço a ser prestado por empresas privadas. Mas insistimos também que o nosso atraso educacional não será superado sem a união de forças para instituir a educação realmente como prioridade.

Em que base essas **parcerias** deveriam se feitas? Paulo Freire não impôs nenhuma condição, nem a sua tão conhecida metodologia. Todavia, na

visão de Paulo Freire essas parcerias deveriam orientar-se pelo **paradigma da educação popular** do qual ele foi um dos grande inspiradores. Entre as intuições fundamentais deste paradigma podemos destacar:

- a) a educação como produção e não meramente como transmissão do conhecimento;
- b) a defesa de uma educação para a liberdade, pré-condição da vida democrática;
- c) a recusa do autoritarismo, da manipulação, da ideologização que surge também ao estabelecer hierarquias rígidas entre o professor que sabe (e por isso ensina) e o aluno que tem que aprender (e por isso estuda).

### 5. Continuando e reinventando Freire: o Instituto Paulo Freire

Há onze anos atrás, no dia 12 de abril de 1991, Paulo Freire, numa reunião com educadores e amigos, em **Los Angeles**, lançava a idéia da criação do Instituto Paulo Freire. Seu desejo era encontrar uma forma de reunir pessoas e instituições que, movidas pela mesma utopia de uma educação como prática da liberdade, pudessem refletir, trocar experiências, desenvolver práticas pedagógicas nas diferentes áreas do conhecimento e que contribuíssem para a construção de um mundo com mais justiça social e solidariedade. Assim surgiu o Instituto Paulo Freire (IPF). Hoje, Paulo Freire já não está entre nós, ou melhor, está em todos os nós da rede que teceu e o IPF está presente em mais de 20 países, buscando manter viva a sua luta, continuando e reinventando Freire.

Um de seus últimos sonhos ao qual o Instituto Paulo Freire deu continuidade, foi o projeto da **Escola Cidadã**.

A idéia e o projeto de uma Escola Cidadã nasceram, no Brasil, no final da década de 80 e início da década de 90<sup>10</sup>, fortemente enraizados no movimento de educação popular e comunitária que, na década de 80, se traduziu pela expressão “escola pública popular”, utilizada como mote na gestão de Paulo Freire na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. Designa-se comumente por “Escola Cidadã” uma certa concepção e uma certa prática da educação “para e pela cidadania”, que, sob diferentes denominações, são realizadas, em diversas regiões do país, principalmente em municipalidades onde o poder local foi assumido por partidos do chamado “campo democrático-popular”.

A maior ambição da Escola Cidadã é contribuir na criação das condições para o surgimento de uma **nova cidadania**, como espaço de organização da sociedade para a defesa de direitos e a conquista de novos direitos. Trata-se de formar para a gestação de um novo espaço público não-estatal, uma “esfera pública cidadã”, como diz Jürgen Habermas, que leve a sociedade a ter voz ativa na formulação das políticas públicas, visando a uma mudança do Estado que temos para um Estado radicalmente democrático.

Foi Paulo Freire quem melhor definiu uma educação para e pela cidadania quando, nos *Arquivos Paulo Freire*, em São Paulo, dia 19 de março de 1997, numa entrevista à TV Educativa do Rio de Janeiro, falou de sua

<sup>10</sup> Moacir Gadotti, *Escola cidadã: uma aula sobre a autonomia da escola*. São Paulo, Cortez, 1992; José Eustáquio Romão, *Dialética da diferença: o projeto da escola cidadã frente ao projeto pedagógico neoliberal*. São Paulo, Cortez, 2000.

concepção da “escola cidadã”: “A Escola Cidadã é aquela que se assume como um centro de direitos e de deveres. O que a caracteriza é a formação para a cidadania. A Escola Cidadã, então, é a escola que viabiliza a cidadania de quem está nela e de quem vem a ela. Ela não pode ser uma escola cidadã em si e para si. Ela é cidadã na medida mesma em que se exercita na construção da cidadania de quem usa o seu espaço. A Escola Cidadã é uma escola coerente com a liberdade. É coerente com o seu discurso formador, libertador. É toda escola que, brigando para ser ela mesma, luta para que os educandos-educadores também sejam eles mesmos. E como ninguém pode ser só, a Escola Cidadã é uma **escola de comunidade, de companheirismo**. É uma escola de produção comum do saber e da liberdade. É uma escola que vive a experiência tensa da democracia”. Paulo Freire associava **cidadania e autonomia**. No seu último livro, ele afirma que “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”<sup>11</sup>.

São inúmeras e profundas as **conseqüências** dessa concepção da educação em termos não apenas de gestão, mas em termos de atitudes e métodos e que formam o novo professor, o novo aluno, o novo sistema, o novo currículo, a nova **pedagogia da educação cidadã**.

Nos últimos anos, a concepção de Escola Cidadã foi marcada pela **Ecopedagogia** entendendo o novo currículo com base na idéia de sustentabilidade. A educação para e pela cidadania é também uma educação para uma **sociedade sustentável** e para a **cidadania planetária**. A Escola Cidadã e a Ecopedagogia sustentam-se no princípio de que todos, desde crianças, temos um direito fundamental que é o de sonhar, de fazer projetos, de inventar, como pensavam Marx e Freire; todos temos o direito de decidir sobre nosso destino, também as crianças, como sustentava o educador polonês Janusz Korczak<sup>12</sup>.

Não se trata de reduzir a escola e a pedagogia atuais a uma *tabula rasa* e construir por cima de suas cinzas a Escola Cidadã ideal e a ecopedagogia. Não se trata de uma escola e de uma pedagogia “alternativas”, no sentido de que devem ser construídas separadamente da escola e da pedagogia atuais. Trata-se de, no interior delas, a partir da escola e da pedagogia que temos, dialeticamente, construir outras possibilidades, sem aniquilar tudo o que existe. O futuro não é o aniquilamento do passado, mas a sua superação.

Os problemas atuais, inclusive os problemas ecológicos, são provocados pela nossa maneira de viver e a nossa maneira de viver é inculcada pela escola, pelo que ela seleciona ou não seleciona, pelos valores que transmite, pelos currículos, pelos livros didáticos. Precisamos reorientar a educação a partir do **princípio da sustentabilidade**, isto é, retomar nossa educação em sua totalidade. Isso implica uma revisão de currículos e programas, sistemas educacionais, do papel da escola e dos professores e da organização do trabalho escolar. A ecopedagogia, tal como vem sendo desenvolvida pelo Instituto Paulo Freire, implica uma *reorientação dos currículos* para que incorporem certos princípios da **cultura da paz** e da **sustentabilidade**.

<sup>11</sup> Paulo Freire, *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Cortez, 1997, p. 66.

<sup>12</sup> Janusz Korczak. *Como amar uma criança*. Prefácio de Bruno Bettelheim. São Paulo, Paz e Terra, 1986.

Paulo Freire havia dito no Instituto Paulo Freire que pretendia escrever um livro sobre Ecopedagogia. Ele já havia estimulado Francisco Gutiérrez a escrever sobre o tema<sup>13</sup>. Ele estava escrevendo quando veio a falecer em 1997, deixando suas reflexões iniciais num pequeno texto que, depois de sua morte, foi publicado num livro organizado pela viúva Ana Maria Araujo Freire: *Pedagogia da indignação*. Nesse texto Paulo Freire escreve: “Urge que assumamos o dever de lutar pelos princípios éticos fundamentais como o respeito à vida dos seres humanos, à vida dos outros animais, à vida dos pássaros, à vida dos rios e das florestas. Não creio na amorosidade entre mulheres e homens, entre os seres humanos, se não nos tomamos capazes de amar o mundo. A ecologia ganha uma importância fundamental neste fim de século. Ela tem que estar presente em qualquer prática educativa de caráter radical, crítico ou libertador (...). Neste sentido me parece uma contradição lamentável fazer um discurso progressista, revolucionário e ter uma prática negadora da vida. Prática poluidora do mar, das águas, dos campos, devastadora das matas. Destruidora das árvores, ameaçadora dos animais e das aves... De violência contra a vida das árvores, dos rios, dos peixes, das montanhas, das cidades, das marcas físicas de memórias culturais e históricas. De violência contra os fracos, os indefesos, contra as minorias ofendidas...”<sup>14</sup>.

As pedagogias clássicas eram antropocêntricas. A ecopedagogia parte de uma consciência planetária (gêneros, espécies, reinos, educação formal, informal e não-formal). Ampliamos o nosso ponto de vista. Do homem para o planeta, acima de gêneros, espécies e reinos. De uma visão antropocêntrica para uma consciência planetária e para uma nova referência ética. A Escola Cidadã, orientando-se por uma Ecopedagogia ou **Pedagogia da Terra**<sup>15</sup>, deve, por isso, ser entendida também como uma alternativa para a construção de uma sociedade sustentável.

## 6. O novo contexto brasileiro: “A esperança venceu o medo”

Paulo Freire foi um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores que chamava de partido “educador-educando”<sup>16</sup>. O PT teve um papel muito importante na resistência contra a ditadura militar e no processo de democratização do Brasil. Paulo nos lembrava, porém, de que, às vezes, esperamos demais de um partido político e o que importava era a sua **causa**, não o **partido**. O partido é meio. Agregar mais pessoas e partidos a uma causa: isso é que importa. Apostar na **cidadania**, formar para a cidadania e pela cidadania, como propõe o Instituto Paulo Freire, formar as pessoas que irão cobrar das pessoas eleitas os compromissos, formar o “povo soberano”.

Isso é ainda mais importante no Brasil pois aqui o Estado nasceu antes da Sociedade. O Estado Brasileiro não chegou a se constituir como nação. Preso nas garras dos colonizadores e depois, dos seus continuadores, as elites, ele não representa a vontade da nação. Só se mantém como posse

<sup>13</sup> Francisco Gutiérrez e Cruz Prado, *Ecopedagogia e cidadania planetária*. São Paulo, Cortez/IPF, 1999.

<sup>14</sup> Paulo Freire, *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo, UNESP, 2000, pp. 66-7; 132-3.

<sup>15</sup> Moacir Gadotti, *Pedagogia da Terra*. São Paulo, Peirópolis, 2000.

<sup>16</sup> Paulo Freire, in Alberto Damasceno (org.), *A educação como ato político-partidário*, São Paulo, Cortez, 1988, pp. 16-18.

privada e gestor dos interesses dessas elites. Daí a importância dos partidos, como partidos “educadores-educandos”, no fortalecimento da comunidade e da sociedade organizada.

É assim que se pode falar numa **reforma do Estado**, passando de uma concepção de Estado como “violência organizada, autorizada, institucionalizada” para o de educador-educando, dialogando com a sociedade e administrando os seus conflitos. O Estado não pode ser apenas educador, pois ele também, como os partidos, precisa ser educado pela sociedade que o mantém. Nesse sentido, é um Estado não submetido aos interesses corporativistas e setoriais, visto não apenas através dos olhos dos servidores públicos, mas submetido à cidadania. Alternativas existem ao pensamento neoliberal. A saída está numa teoria (e uma prática) radicalmente democrática do Estado. As recentes experiências, em nível do poder local no Brasil, vêm dando consistência prática a essa teoria.

E agora, a América Latina tem uma nova chance de construir o seu sonho democrático socialista, muitos anos depois da eleição de Aliende, no Chile, no início dos anos 70. É a eleição de Lula, no Brasil. Dia 1 de janeiro de 2003: um partido socialista chega ao poder no Brasil. É uma grande virada na história brasileira. O sonho, a utopia, toma conta de todos. “**A esperança venceu o medo**”, ouvimos por todo lado. Um operário foi eleito presidente da República do Brasil. O Brasil queria mudar, e elegeu Luiz Inácio Lula da Silva, o sonho de toda uma geração e de tantos companheiros e companheiras que morreram pela democracia e pelas liberdades no Brasil.

Um **projeto alternativo** deve começar exatamente pelo que é alternativo na forma de governar em relação ao projeto anterior. Fernando Henrique governou sem o povo. Por isso, no último dia, na transmissão do cargo, ele teve que sair do Palácio do Planalto pela porta do fundo, para não escutar nenhum vaia no último ato do seu governo. Governou autocraticamente, sem consulta, sem articulação com a sociedade. Um projeto alternativo deve ser um projeto de escuta, de cuidado.

Lula vai precisar da mobilização da sociedade e das massas. Ele precisará governar com o apoio na mobilização, sem ser populista, governar com o apoio na mobilização até para poder propor medidas duras e anti-populares, como as atuais reformas.

A alternativa num regime democrático é mais democracia. Como disse muito bem Antônio Cândido, professor emérito da Universidade de São Paulo, em artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, dia 28 de outubro de 2002 (p. A-13), um dia após a eleição de Lula: “essa vitória não é a ‘tomada do poder’ pelo operariado. É fruto de um movimento mais amplo, no qual todas as classes da sociedade reconheceram tacitamente o direito que ele tem de formar a seu lado. Estamos num momento de incorporação, não de predomínio”. Todavia, Lula precisa fazer alianças mantendo o sonho, a hegemonia, pois, se ele fizer concessões será “amaldiçoado pelos pobres”, como afirmou Leonardo Boff mais tarde.

Iniciamos a “era” Lula com muita esperança. Seu poder não pode ser subestimado, mas também não pode ser superestimado. Pessoas não mudam o mundo, já dizia Marx. É o espírito que transforma o mundo. Se a esperança venceu o medo, é preciso um novo estilo de fazer política: fazer política com esperança e alegria, um estilo que se transforme em espírito coletivo.

## 7. A perspectiva de Washington versus a perspectiva de Angicos

Paulo Freire apoiou Luís Inácio Lula da Silva em sua primeira candidatura à Presidência da República no Brasil (1989)<sup>17</sup>. Seu sonho vinha de muito longe, desde Angicos (1963). Ele nos fez sonhar porque falava a partir de um ponto de vista que é o ponto de vista do oprimido, do excluído, a partir do qual podemos pensar um novo **paradigma humanitário**, civilizatório, o sonho de um outro mundo possível, necessário e melhor. No confronto contemporâneo de **civilizações**, poderíamos opor hoje, metaforicamente, a perspectiva dominante de Washington à perspectiva de Angicos. Por que falar da perspectiva de Washington versus a perspectiva de Angicos? Por que não falar da perspectiva do opressor e do oprimido – como dizia Paulo Freire – do colonizador e do colonizado, do globalizador e do globalizado?

Não conheço a cidade de **Washington**. Espero um dia conhecê-la. Deve ser uma bela cidade, onde milhões de pessoas vivem, trabalham e buscam sentido para suas vidas. Nada contra ela. Nada contra eles. Falo de Washington como metáfora, símbolo de um poder, de uma política, de uma visão de mundo, de um ponto de vista. Não se trata de provocação.

A cidade de **Angicos** eu conheço. Eu a conheci junto com Paulo Freire em 1993, ao lado de um grande amigo: Carlos Alberto Torres. Trata-se de uma pequena vila, situada na região mais pobre do sofrido nordeste brasileiro. Para os freirianos é tão conhecida quanto Washington, pois foi lá que Paulo Freire fez sua mais importante experiência do seu método pedagógico. Foi a partir do êxito obtido lá, em 1963, que ele ficou conhecido no mundo.

Angicos e Washington podem ser tomados hoje como metáforas de um **paradigma civilizatório**. Mesmo analisando dialeticamente – unidade e oposição de contrários – esses dois pontos de vista, há entre eles uma irreducibilidade de fundo, como existe entre guerra e paz, entre poder militar e poder da utopia, entre fundamentalismo e diálogo.

Contradições existem em tudo. Por isso existem mudanças. Ao propor essa reflexão sobre essas duas **vias opostas de humanidade**, não intencionamos defender essa irreducibilidade. Ao contrário, buscamos superá-la dialeticamente para que no “outro mundo possível” não exista tanta fome e tanta pobreza como existem hoje, sustentadas por guerras e fundamentalismos. A beleza da diversidade não deve ser confundida com a brutalidade da miséria frente à riqueza.

Estamos diante de uma escolha a fazer entre diálogo e guerra. E Paulo Freire pode nos ajudar a encontrar um caminho mais seguro. Contra a **visão necrófila** do mundo que opõe um fundamentalismo a outro fundamentalismo, que leva à depredação ambiental, à violência, que suscita e alimenta o terrorismo (político, econômico, religioso, militar, de Estado...) existe outra visão, uma **visão biófila** que promove o diálogo e a solidariedade. Por mais

<sup>17</sup> "Meu caro Lula, Gostaria de fazer chegar a você meu abraço fraterno e, com ele, palavras de companheiro, carregadas de um muito obrigado pela força, pela coragem, pela dedicação com que você lutou pela democracia e pelos interesses maiores de nossa luta. Valeu a pena viver o tempo que já vivi para ver um filho do povo enfrentando a mentira, o engodo, a farsa, engajado na reivindicação de nosso país, "sem medo de ser feliz". Para você e Marisa, o carinho de Nita e meu. Paulo Freire (02/12/89).

difícil que seja essa via, ela é a única capaz de evitar a guerra, a barbárie e o extermínio<sup>18</sup>. O terrorismo não pode nos impedir de pensar com lucidez.

O mais importante da obra de Paulo Freire não está na sua teoria do conhecimento ou na sua pedagogia, mas em ter insistido na idéia de que é possível, urgente e necessário mudar a ordem das coisas. Ele não apenas convenceu muita gente em muitas partes do mundo, através de suas teorias e práticas, mas, também, despertou em muitas pessoas a capacidade de sonhar com uma realidade mais humana, menos feia e mais justa. Mudar o mundo é difícil. Existem muitas injustiças. Contudo, devemos tentar. Se não tentamos não somos propriamente humanos. Nada de humano existiria em nós se nós não tentássemos mudar o mundo.

## BIBLIOGRAFIA

- APPLE, Michael W. *Educando à direita: mercados, padrões, Deus e desigualdade*. São Paulo, Cortez/IPF, 2003 ("Biblioteca Freiriana").
- BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro, Sextante, 2002.
- CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação), *Educação: carinho e trabalho – Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação*. Brasília, CNTE, 1999.
- CORTESÃO, Luiza. *Ser professor: um ofício em risco de extinção*. São Paulo: Cortez e Instituto Paulo Freire, 2002.
- DAMASCENO, Alberto (org.). *A educação como ato político-partidário*, São Paulo, Cortez, 1988.
- DELORS, Jacques (org.). *Educação: um tesouro a descobrir – Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*. São Paulo, Cortez, 1998.
- FAURE, Edgar and others, *Apprendre à Être*, Paris, Fayard/UNESCO, 1972.
- FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira*. São Paulo, Olho D'Água, 1995.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo, UNESP, 2000.
- GADOTTI, Moacir (org.). *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo, Cortez, 1996.
- GADOTTI, Moacir. *Escola cidadã: uma aula sobre a autonomia da escola*. São Paulo, Cortez, 1992.
- GADOTTI, Moacir. *Pedagogy of Praxis: a Dialectical Philosophy of Education*. Albany, SUNY Press, 1996.
- GADOTTI, Moacir. *Reading Paulo Freire: His Life and Work*. Albany, SUNY Press, 1994.
- GUTIERREZ, Francisco and Cruz Prado, *Ecopedagogia e cidadania planetária*. São Paulo, Cortez/PFI, 1999.

<sup>18</sup> "Dialogar com eles até a exaustão, negociar até o limite intransponível da razoabilidade, talvez leve o fundamentalista a reconhecer o outro, seu direito de existir e a contribuição que poderá dar para uma convergência mínima na diversidade". Leonardo Boff, *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro, Sextante, 2002, p. 48.

- KORCZAK, Janusz. *Como amar uma criança*. Preface by Bruno Bettelheim. São Paulo, Paz e Terra, 1986.
- LINHARES, Célia e Maria Nazaret Trindade (orgs.). *Compartilhando o mundo com Paulo Freire*. São Paulo, Cortez/IPF, 2003 ("Biblioteca Freiriana").
- McLAREN, Peter and Peter Leonard (eds). *Paulo Freire: a Critical Encounter*. London, Routledge, 1993.
- MORROW Raymond Allen and Carlos Alberto Torres, *Critical Theory and Education: Habermas and the Dialogical Subject* (translation Bianco Zalmora Garcia). "Biblioteca Freiriana" (IPF/Cortez, in print).
- O'CADIS, Maria Pilar, Pia Lindquist Wong and Carlos Alberto Torres, *Education and Democracy: Paulo Freire, Social Movements and Educational Reform in São Paulo*. Westview, 1998 (traduzido para o português pela "Biblioteca Freiriana" do Instituto Paulo Freire).
- OLIVEIRA, Edna Castro de, Marlene de Fatima C. Pires e Silvana Ventrini (orgs.) *Paulo Freire: a praxis político-pedagógica do educador*. Vitória, EDUFES, 2000.
- PELANDRÉ, Nilcéa Lemos. *Ensinar e aprender com Paulo Freire: 40 horas 40 anos depois*. São Paulo, Cortez/IPF, 2002 ("Biblioteca Freiriana").
- ROMÃO, José Eustáquio. *Dialética da diferença: o projeto da escola cidadã frente ao projeto pedagógico neoliberal*. São Paulo, Cortez, 2000.
- ROMÃO, José Eustáquio. *Pedagogia dialógica*. São Paulo, Cortez/IPF, 2002 ("Biblioteca Freiriana").
- SAUL, Ana Maria (org.). *Paulo Freire e a formação de educadores: múltiplos olhares*. São Paulo, Articulação Universidade/Escola, 2000.
- SOUZA, João Francisco de. *Atualidade de Paulo Freire*. São Paulo, Cortez/IPF, 2002 ("Biblioteca Freiriana").
- STRONQUIST, Nelly. *Literacy for Citizenship: Gender and Grassroots Dynamics in Brazil*. Albany, SUNY Press, 1997.
- TORRES, Carlos Alberto. *Estudios freireanos*. Buenos Aires, Libros del Quirquincho, 1995.
- TORRES, Carlos Alberto. *Pedagogia da luta: da pedagogia do oprimido à escola pública popular*. Campinas, Papirus, 1997.
- WILLIAMSON, Guillermo. *Paulo Freire, educador para una nueva civilización*. Temuco, Universidad de la Frontera, 2000.
- ZIETKOSKI, Jaime José. *Horizontes da (re)fundamentação em educação popular: um diálogo entre Freire e Habermas*. Frederico Wesphallen, Ed. URI, 2000.